

Fetichização do corpo negro

por Marcus Vinicius | Otello



Como profissional do sexo, recebo muitos convites para surubas e putarias. Sem querer virei referência no assunto na minha cidade. Porém tem um convite em especial que me tem provocado a pensar sobre, pois acontece com muita frequência. Normalmente, vindo de brancos, todos querem uma coisa: serem devorados por corpos negros. Na linguagem do pornô, o famoso gang bang. Me dá até preguiça de dissertar sobre. Na real, é mais uma amostra de como nós – negros – somos fetichizados pelos brancos e pela nossa sociedade.

Temos que ser ativo, viril, comedor/reprodutor. Mas é hora de um basta, de gritar!

O feminino está em mim como o falo está para o meu corpo. Apenas está. Vivo a liberdade de experimentar tudo que provoca o senso comum. Transitar entre gêneros é vida. Arte que nos humaniza. Que provoca o sentido real de estarmos compartilhando esse mesmo espaço-tempo. A minha cor não determina minha sexualidade. Nem onde meu corpo deve estar. Meu dote não me obriga a comer geral. Sou mais do que uma rola preta para satisfazer desejos do patriarcado. Sou de carne e osso e vontades infinitas. Meu prazer está em satisfazer a vontade incessante de gozar diferentes momentos. Sou fluido. Sou além de um pau. Sou vampiro. Devoro vidas. Realizo desejos. O falo é mero detalhe. As regras são minhas. Obedeço o meu corpo na busca do gozo onde as carnes são meros coadjuvantes.

Não sou um objeto ao belo prazer do patriarcado, como tem sido ao longo dos tempos. Foi assim durante o Brasil Colônia, passando pelo Império e, segue assim, na República. E a naturalidade como são feitos tais convites me instiga a provocar essa discussão com os brancos. Inclusive, penso até em preparar um texto padrão para retornar a todos eles a cada convite feito. De boa, se for para organizar/produzir um gang bang com os manos pretos é óbvio que o farei comigo no centro do rolê (preto com preto é muito mais gostoso) e não com um branco qualquer. E de boa, se você – branco – tá mesmo a fim de um; primeiro, tenha amigos e contatos pretos, depois convide-os para o rolê e pronto.

Cansa ser preto em um país racista.

